

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/256410302>

Análise territorial de Algés antes do surto construtivo do século XX

Article · January 2012

CITATIONS

0

READS

53

1 author:



[Alexandra de Carvalho Antunes](#)

University of Lisbon

95 PUBLICATIONS 10 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Cais das Colunas and the Ancient River Quays of Lisbon, Portugal [View project](#)



Seaside Architecture Studies Network (SEAS-NET) / Rede de Estudos de Arquitectura de Veraneio [View project](#)

ANÁLISE TERRITORIAL DE ALGÉS ANTES DO SURTO CONSTRUTIVO DO SÉCULO XX¹

Alexandra de Carvalho Antunes²

RESUMO

O território actualmente conhecido como Algés foi, até ao início do último quartel de oitocentos, ocupado com actividades agrícolas e algumas quintas de recreio.

Dada a sua proximidade de Lisboa, desde, pelo menos, o ano de 1806, era local para os terapêuticos *banhos de mar*.

Nos últimos anos do século XIX, o veraneio começava a democratizar-se. A construção do ramal de caminho de ferro de Cascais, inaugurado em 1889, coadjuvado pela expansão urbana daí resultante e a criação de equipamentos de lazer e de recreio para os veraneantes, transformou o hábito terapêutico de *ir a banhos* numa temporada em que o convívio e a diversão tinham um papel fundamental.

Tornaram-se populares as tabernas e casas de pasto do Dafundo, foi inaugurado o Aquário Vasco da Gama, foi construída a Praça de Touros de Algés, foram criados casinos e outras diversões.

PALAVRAS-CHAVE

Algés, Equipamentos de Lazer, Expansão urbana, Território.

ABSTRACT

The territory now known as Algés was, until the beginning of the last quarter the XVIIIth century, occupied with farming activities and some recreational farms.

Due to its proximity to Lisbon, since at least the year 1806, there were took the therapeutic *sea baths*.

In the late XIX century, the *villeggiatura* began to democratize. The construction of the railway line of Cascais, opened in 1889, assisted by the resulting urban expansion and the creation of leisure and recreation equipments for vacationers, transformed the habit of therapeutic *baths* in a season in which sociability and amusement played a key-role.

It turned popular the taverns and *casas de pasto* located in Dafundo, it was opened the *Vasco da Gama's Aquarium*, it was constructed *Algés' Bullring*, it were created casinos and other leisure equipments.

KEY-WORDS

Algés, Leisure equipments, Urban expansion, Territory.

¹ O texto original deste artigo foi inicialmente publicado na nossa obra "O Palácio Anjos e a Arquitectura de Veraneio em Algés" (ed. Câmara Municipal de Oeiras, 2004).

² Doutora em Arquitectura. Professora auxiliar na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Investigadora do Centro GeoBioTec/Universidade de Aveiro e do IHA-FCSH/Universidade Nova de Lisboa. E-mail: apc.antunes@clix.pt

INTRODUÇÃO

O concelho de Oeiras foi criado a 13 de Julho de 1759, em Carta Régia de D. José, rei que havia elevado a povoação de Oeiras a vila a 7 de Junho desse mesmo ano. À data da sua criação, os limites do concelho eram bem diferentes dos actuais, dele fazendo parte somente a actual freguesia de Paço de Arcos e parte do território agora definido pelos limites das freguesias de Oeiras, Porto Salvo, Barcarena, Queijas e Cruz Quebrada/Dafundo.

Em 1873, Pinho Leal descreveu Algés como uma *aldeia pequena* localizada a oeste de Lisboa³. O lugar de Algés, que fora parte integrante de um dos Reguengos da Coroa ou de El-Rei - o Reguengo de Algés -, é referido desde finais do século XII⁴, consistindo no território que ia desde a ribeira de Algés até ao vale da ribeira do Jamor, local onde começava o Reguengo de Oeiras⁵.

Na segunda metade de oitocentos o enquadramento administrativo do lugar de Algés era coincidente com os limites eclesiásticos, se exceptuarmos o período em que o concelho de Oeiras esteve integrado no de Cascais, entre Setembro de 1895 e Janeiro de 1898.

Existem relatos da prática do tratamento marítimo em Ribamar (denominação da actual localidade de Algés), desde os alvares de oitocentos⁶, beneficiando o lugar, decerto, da sua proximidade de Lisboa e da praia de Pedrouços - a percursora dos banhos de mar na orla do Tejo. No entanto, somente na segunda metade do século XIX Ribamar se tornou destino de outras classes sociais, para além das pioneiras – *a nobreza titular e cortesã, os membros de congregações religiosas e a elite intelectual*⁷ –, estendendo-se à burguesia capitalista e aos recém-nobilitados.

1 – ESTUDO DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO – CONTRIBUTOS ICONOGRÁFICOS E CARTOGRÁFICOS

Ao analisarmos o território ribeirinho da actuais localidades de Algés e Dafundo, nos séculos XVIII e XIX, quer através de cartografia quer de iconografia, assinalamos que parte das terras eram utilizadas para cultivo, existindo algumas quintas e um reduzido número de edificações.



Figura 1 – Algés em 1763. Reprodução parcial de uma vista panorâmica da margem norte do rio Tejo, existente numa colecção particular alemã.

³ Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de PINHO LEAL, Portugal Antigo e Moderno, vol. I, Lisboa, 1873, p. 127.

⁴ Plano de Salvaguarda do Património Construído e Ambiental do Concelho de Oeiras, Oeiras, CMO, 1999, p. 107.

⁵ Memorial Histórico ou Colecção de Memórias sobre Oeiras, desde o seu princípio, como Lugar e Cabeça de Julgado, e depois Vila. Com o título de condado e cabeça de concelho, 2.º vol., Ed. CMO, 1982, p. 23.

⁶ Memórias do marquês de Fronteira e d'Alorna, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto. Ditadas por ele próprio em 1861 e revistas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrade, 5 vols., Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986 (1.ª edição 1928-32), Parte I-II, p. 19-20.

⁷ Maria Luísa M. Afonso MARTINS, A vilegiatura marítima no século XIX de Belém a Cascais, Tese de Mestrado em História Social Contemporânea, ISCTE, 2 volumes, Lisboa, 1996, p. 2.

Estão assinalados:

- 9** - O Forte de S. José de Ribamar – depois Convento de S. José de Ribamar, e após a extinção das ordens religiosas, em 1834, convertido em casa de habitação
- 10** - A casa do Conde de Vimioso - actual Palácio Ribamar.
- 11** - O Forte de Nossa Senhora da Conceição de Pedrouços – onde foi, depois, edificado o Palácio da Conceição (demolido em 2002).
- a** - As casas da quinta da Piedade
- b** - Local onde foi construído o *Chalet* Miramar – actual Palácio Anjos -, no início do último quartel de oitocentos

Com privilegiada localização - em encosta virada a sul -, em 1763, conforme uma vista panorâmica da margem (Figura 1), confrontavam o rio Tejo: o forte de S. José de Ribamar⁸, a Casa do conde de Vimioso⁹ (em frente do qual está o cruzeiro que segundo inscrição “MVDVSE EM 1727” [para este local]) e o forte de Nossa Senhora da Conceição de Pedrouços¹⁰.

Através de carta corográfica com datação provável de 1848 (Figura 2), confirmamos a localização dos três edifícios acima referidos (tendo estes já outras utilizações), assim como a localização da quinta da Piedade. A povoação de *Algeis*, ocupando o seu lugar sobranceiro, era um território com alguma expressão em termos de número de construções.



Figura 2 – Pormenor da *Carta Corográfica do Reino – Folha de Oeiras*, elaborada pela Comissão para os Trabalhos de Triangulação Geral e Levantamento da Carta Corográfica do Reino, por José Carlos Conrado Chelmicky, escala 1: 10 000, c. 1848 (?).

Assinalamos os topónimos:

- 1** – Algeis
- 2** – Quinta do Faustino da Gama
- 3** – Quinta da Carapuça
- 4** – Quinta do Duque [de Cadaval]
- 5** – Alto d’Algeis
- 6** – Cabeço de Mouro
- 7** – Quinta da Piedade

⁸ Local onde foi construído o convento de S. José de Ribamar que, depois da extinção das ordens religiosas em 1834, foi convertido em casa de habitação.

⁹ O actual palácio Ribamar, onde está instalada a Biblioteca Municipal de Algés.

¹⁰ Onde depois foi edificado o palácio da Conceição, demolido em 2002.

- 8 – Cruz de S. José
- 9 – Palacio do Marquez de Bellas
- 10 – Cova da Onça
- 11 – S. José de Ribamar
- 12 – Quinta da Bitha (?)
- 13 – Fonte da Maruja
- 14 – Dá Fundo
- 15 – Cruz Quebrada

Dos edifícios representados note-se:

- a – O Convento de S. José de Ribamar
- b – O Palácio Vimioso
- c – O Palácio de N. Senhora da Conceição
- d – Casas da quinta da Piedade
- e – Palácio da família Palha
- f – Local onde foi construído o *Chalet* Miramar - actual Palácio Anjos

Quando Captain Parke registou a Torre de Belém, em 1851 (Figura 3), já há muito se havia instalado em Pedrouços, nas suas quintas e palácios campestres, a nobreza de Lisboa que, quando surgiram os banhos de mar, *desceu ao rio e tomou banhos na sua praia*¹¹. Neste registo iconográfico observamos, em primeiro plano, o areal de S. José Ribamar até Belém, estando representados: o convento de S. José de Ribamar, o palácio de Nossa Senhora da Conceição e o palácio mandado construir pelo conde de Vimioso - junto ao local onde Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos veio a construir o *Chalet* Miramar.



Figura 3 – A encosta de Algés e o extenso areal que vai de Ribamar a Belém, onde está a Torre de Belém, em 1851. Para além da Torre de Belém estão as elevações que formam a margem esquerda do rio Tejo.

Na sua obra, datada de 1865, Francisco da Silva Figueira, prior da freguesia de Carnaxide, faz uma aprofundada descrição da freguesia que abrangia os *logares de Carnaxide, Outorella, Portella, Algés, Linda Velha, Linda Pastora, Quejas e Praias, que compreende Cruz Quebrada, Dafundo, S. José de Ribamar e Ponte de Algés*¹². Se tivermos em conta a actual toponímia: a *Algés* corresponde Algés de Cima e a *Praias* corresponde à actual faixa ribeirinha que vai de Cruz Quebrada a Algés (incluindo o Dafundo e a zona de Ribamar). Estando delimitado pelas ribeiras do Jamor e de Algés, ao antigo lugar de Praias correspondem as actuais freguesias de Algés, Cruz Quebrada/Dafundo e a faixa mais litoral da freguesia de Linda-a-Velha.

¹¹ Branca de Gonta COLAÇO e Maria ARCHER, *Memórias da Linha de Cascais*, C. M. Cascais e C. M. Oeiras, parceria A.M. Pereira, edição fac-similada, 1999 (edição original: 1943), p. 43.

¹² Pe. Francisco da Silva FIGUEIRA, *Os primeiros trabalhos litterarios*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865, p. 2.

2 – ACTIVIDADES ECONÓMICAS E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

As terras do lugar de Algés eram predominantemente utilizadas para a produção de hortícolas e para pomares. Na freguesia de Carnaxide encontravam-se os terrenos *talvez mais bem cultivado[s] (...) de todas as freguezias vizinhas, poisque em escolher a semente, adubar e mondar são incansaveis quasi todos os lavradores, que só peccam por demasiado rotineiros, não se dando ao trabalho de experimentar instrumentos e systemas modernos compatíveis com as forças de pequenos lavradores, como quasi todos os são d'esta freguezia*¹³. Segundo o arrolamento eclesiástico do ano de 1865¹⁴, apresentado na obra do prior de Carnaxide, o lugar de Praias possuía um total de 29 trabalhadores agrícolas, dum total de 217 de todos os lugares da freguesia, assim distribuídos: *4 lavradores, 6 trabalhadores de lavoura, 18 ditos de enxada e 1 pastor*.

Na freguesia de Carnaxide eram produzidos: trigo *durazio*, laranja, tangerina (...) grão de bico, melão, fava, ervilha, *delicioso vinho, semelhante ao da Madeira* (produzido, entre outras, das vinhas do Dafundo), milho, cevada, tremoço, chicharo, e *mais fructos de quinta e horta, mas que (...) não são de tão excellente qualidade*¹⁵.

Em 1865 a designada povoação de Praias possuía 100 fogos, a que correspondia um total de 331 almas, sendo 180 do sexo masculino e 151 do sexo feminino¹⁶. Segundo o arrolamento eclesiástico da paróquia de Carnaxide datado de 1865, já referido, na povoação de Praias¹⁷, a maioria dos elementos do sexo masculino trabalhava na indústria de curtumes. Certamente laboravam nas fábricas de localizadas na Cruz Quebrada, profissão que ocupava 36 homens, logo seguida do conjunto de trabalhadores agrícolas, com 29 elementos. Quanto a profissões de carácter comercial, esta povoação tinha *2 donos de fábricas de sola*¹⁸, *1 merceeiro, 6 comerciantes com casa de pasto, 8 taberneiros e 4 leiteiros*¹⁹. Note-se a importância das tabernas e casas de pasto, tão referenciadas na literatura, em especial as do Dafundo, denotando uma certa mundanização do lugar.

Se a indústria dos curtumes ocupava 36 trabalhadores, o conjunto das restantes indústrias ocupava somente 22 trabalhadores, sendo: *2 pedreiros, 2 carpinteiros de casas, 1 canteiro, 1 moleiro dono, 6 pescadores, 3 peixeiros, 4 banheiros, 2 cozinheiros e 2 ferradores*²⁰. Em evidência encontramos 4 banheiros, confirmando que já se praticavam os *banhos de mar* a essa data.

Na zona da actual orla ribeirinha que liga Algés a Cruz-Quebrada e incluindo estas duas, em 1865, da população do sexo feminino havia a registar *10 lavadeiras, 2 costureiras, 1 vendedora de fructa e 1 parteira*²¹. O número de lavadeiras era importante - estas deveriam labutar nas margens da ribeira de Algés (Figura 4, em que uma lavadeira, de trouxa à cabeça, atravessa a ponte), à semelhança do que se passava em outros cursos de água.

¹³ Idem, p. 3.

¹⁴ Ibidem, pp. 54-55.

¹⁵ Pe. Francisco da Silva FIGUEIRA, op. cit., p. 3.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Que incluía Algés de Baixo, Algés de Cima, Ribamar, Dafundo e Cruz Quebrada.

¹⁸ As fábricas de curtumes da Cruz Quebrada, de Francisco Ferreira Godinho e seu irmão (fundada em 1824) e de Fortunato Simões de Bono Carneiro. (Pe. Francisco da Silva FIGUEIRA, op. cit., p. 45.)

¹⁹ Pe. Francisco da Silva FIGUEIRA, op. cit., pp. 51-52.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.



Figura 4 – A ponte de Algés, construída em 1608, em gravura de 1848.



Figura 5 – As ponte e as portas aduaneiras de Algés.

Localizado na margem direita da ribeira de Algés, o lugar com o mesmo nome era, em finais do terceiro quartel de oitocentos, *um dos mais aprazíveis sítios dos arrabaldes de Lisboa*²², tendo próximo, na outra margem da ribeira, a casa de campo dos Duques de Cadaval (Figura 1) com *grande matta de corpulentas arvores silvestres*²³.

A Ribeira de Algés, que nasce a norte da serra de Monsanto, passava então, ao longo dos seus cinco quilómetros, pelas antigas quintas das Romeiras e do Duque de Cadaval, desaguando no rio Tejo, perto do palácio da Conceição.

Sobre a ribeira de Algés havia três pontes, referidas por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues²⁴, sendo a contar da foz: primeiro *a do viaduto*, depois *a da estrada real por onde se faz o transito de vehiculos, peões e dos carros electricos*, onde se instalaram as portas aduaneiras (Figura 5), e sendo a terceira *a antiga de pedra d'um só arco* (Figura 4).

Na obra do Pe. Figueira é citada a existência de três pontes de cantaria e ainda de uma outra, de madeira, sobre a ribeira de Algés, sendo: *a do caminho de ferro de Cintra, a dita de Algés levantada pelo senado em 1608, e a de Cazellas e uma outra perto e com serventia para o logar de Algés*²⁵.

Segundo Raul Proença, em 1924, as três pontes eram, a contar da foz da ribeira de Algés: a do caminho de ferro, a das portas aduaneiras de Algés (que servia o trânsito de veículos) e a terceira a antiga ponte construída em 1608.

3 – IMPACTO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS NOVOS MEIOS DE TRANSPORTE

A dinâmica social do movimento balnear, notado em Algés no limiar do século XX, foi desencadeada pelo desenvolvimento dos transportes terrestres, designadamente pela construção do ramal de Cascais do caminho de ferro e da linha rápida do eléctrico.

Com as facilidades de acesso a Algés, a sua praia deixou de ser exclusiva de quem dispunha de condições económicas para durante a estação do veraneio mudar a sua residência para a praia - implicando avultadas despesas extraordinárias -, estando agora ao dispor de todos aqueles que ali se deslocavam diariamente.

²² Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho LEAL, Portugal Antigo e Moderno, volume primeiro, Lisboa, 1873, p. 127.

²³ Idem.

²⁴ Esteves PEREIRA e Guilherme Rodrigues, Portugal. Dicionario, Historico, Chorographico, Heraldico, Biographico, Bibliographico, Numismatico e Artistico, Lisboa, Ed. João Romano Torres, vol. I, 1904, p. 208.

²⁵ Pe. Francisco da Silva FIGUEIRA, op. cit., pp. 51-52

A companhia de carruagens (veículos de tracção animal) *Rippert* fazia, em 1888, carreiras extraordinárias de Lisboa – partindo do Rossio e do Intendente -, até Algés, Dafundo e Cruz Quebrada, na época balnear, enquanto no restante período do ano estas circulavam somente até Belém, com o bilhete simples de 60 réis²⁶.

Os americanos – também referidos como *tramways* -, carruagens de tracção animal que circulavam sobre carris, propriedade da Companhia de Carris de Ferro de Lisboa, circulavam na cidade de Lisboa desde 1873. A partir de 1883 os *americanos* desta Companhia passam a fazer carreira até Algés, conforme noticiava o jornal *O Século* a 13 de Agosto desse ano, saindo as carreiras do Largo do Pelourinho e do Rossio. A mesma notícia acrescenta que *está provado que o melhor sitio que existe para passear é Algés, [e que] o transporte do americano é baratíssimo*.

Logo a seguir foi realizado o aterro da zona ribeirinha, destinado à instalação da via férrea que veio a ser inaugurada em Outubro de 1889, por concessão à Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, e que ia, inicialmente, de Pedrouços a Cascais. No mês de Novembro desse ano, passou a estar assegurada a ligação por via fluvial entre Pedrouços e o Cais do Sodré, em complemento da via férrea efectuada pelos vapores da Empresa Lisbonense²⁷.

O caminho de ferro entre Cais do Sodré e Cascais foi inaugurado em 21 de Maio de 1892²⁸. Algés e Cruz Quebrada tinham estações próprias, enquanto no Dafundo foi construído um apeadeiro em 1898, próximo do Aquário Vasco da Gama (que estava prestes a ser inaugurado).

A primitiva estação de Algés situava-se mesmo defronte do *Chalet* de Miramar²⁹, no Largo da Estação, estando contígua à praia (Figuras 6 e 7). A companhia concessionária deste ramal de caminho de ferro, divulgou pela primeira vez, em Agosto de 1891, no seu órgão de informação próprio (*Gazeta dos Caminhos de Ferro*), a venda de maços de bilhetes por zonas e com preços reduzidos, válidos para ida e volta, com a condição de serem utilizados na primeira vigem matutina a partir de cada um dos extremos da via férrea³⁰. Esta inovação deverá ter-se tornado popular entre aqueles que não dispunham de recursos para uma temporada de veraneio deslocados da sua habitação permanente, pois permitia ir e voltar em pouco tempo a preços acessíveis. Em 1894 a Companhia de Caminhos de Ferro deu um novo impulso à captação de passageiros com destino a Algés, com a criação de *bilhetes de banhos de mar para grupos de cinco ou mais passageiros, ainda a preços mais reduzidos*³¹.



Figura 6 – A estação de caminho de ferro de Algés, contígua à praia e situada em frente ao *Chalet* Miramar rodeado da sua romântica vegetação, no verão de 1910.



Figura 7 – Comboio a vapor na estação de caminho de ferro de Algés - contígua à praia -, em 1910.

²⁶ Almanach Illustrado da Empresa de Horas Românticas, 1888, p. 68.

²⁷ Branca de Gonta COLAÇO e Maria ARCHER, op. cit, p. 32.

²⁸ Idem.

²⁹ Antes da construção da Avenida Marginal, ocorrida em 1940, os carris do caminho de ferro, passavam, em Algés no local onde veio a ser implantada a via automóvel, ficando a estação mesmo defronte do Chalet Miramar no designado Largo da Estação.

³⁰ *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, n.º 16, 16 de Agosto de 1891, p. 249.

³¹ *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, n.º 15, 1 de Agosto de 1894, p. 254.

Em 31 de Agosto de 1901 tiveram início as carreiras de eléctrico entre Ribamar e o Cais do Sodré, conforme noticiou, nessa data, o jornal *O Século*.

De fácil acesso, Algés, com a sua praia inter-classista, passou a receber: *lavradores alentejanos, lisboetas de “certa ordem”, pequenos proprietários, comerciantes retalhistas e a média aristocracia*³² -, que se instalavam na *Vila-Matias*, localizada muito perto da estação de caminho de ferro, ou em *prédios das cercanias*.³³ No início do século XX a *Ilustração Portuguesa* declarava a praia de Algés como *a praia suburbana onde se vão banhar os que não podem ir para longe descansar*³⁴. Iam chegando ao amanhecer, principalmente mulheres e crianças, vindas de vários pontos da cidade, regressando a Lisboa pela hora de almoço³⁵.

4 – EQUIPAMENTOS DE RECREIO E LAZER

Nos últimos anos de oitocentos e início do século XX, em virtude do crescimento súbito de veraneantes acompanhando do incremento da oferta de alojamentos, foram criadas diversas estruturas de apoio ao tempo de lazer.

Em 1895 surgiu a Praça de Touros de Algés³⁶ (Figura 8), construída junto à Estrada da Circunvalação pelo Clube Tauromáquico³⁷, sendo propriedade da família Pedroso³⁸. Às corridas e garraizadas organizadas pelo Clube Tauromáquico - amplamente referidas e descritas ao pormenor pela *Ilustração Portuguesa* -, afluía em geral muito público. Sendo a *praça onde grande numero de vocações se teem revelado*³⁹.

No verão de 1896 foi inaugurado em Algés o velódromo D. Carlos⁴⁰ (Figura 9). Aquele espaço de diversão destinado à prática de provas de velocípedes, com o seu rústico coreto para ali tocar *a banda*⁴¹, era o segundo do país, medindo a sua pista, de *macadam*, 500 metros⁴². Este inovador espaço para a prática do desporto velocipédico, tinha capacidade para algumas centenas de assistentes distribuídos por tribunas e galerias⁴³.



Figura 8 – A Praça de Touros de Algés, nos anos 1950.



Figura 9 – O velódromo D. Carlos, inaugurado em Algés em Julho de 1896.

³² Mário de Sampayo RIBEIRO, op.cit., p. 363.

³³ Idem.

³⁴ “Na praia de Algés à hora do banho” in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, série 2, vol. 14, n.º 345, 1912, p. 428.

³⁵ “Lisboa que se banha: as praias de Pedrouços e de Algés” in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, série 2, vol. 4, n.º 84, 1907, p. 434.

³⁶ A praça de touros de Algés foi demolida nos anos 1950, mantendo-se a forma circular do seu perímetro, adaptando-o a a rotunda rodoviária.

³⁷ Guia de Portugal, edição Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, 1º volume, 1924, p. 416.

³⁸ A família Pedroso é uma das antigas famílias de grandes proprietários de quintas de produção agrícola localizadas no território actualmente designado Algés de Cima.

³⁹ “A tourada em Algés” in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, série 2, vol. 17, n.º 430, 1914, p. 639.

⁴⁰ “Velódromo D. Carlos” in *Branco e Negro: semanário ilustrado*, Lisboa, ano 1, vol. 1, n.º 14, 5/7/1896, p.4.

⁴¹ “Velódromo D. Carlos” in *Branco e Negro: semanário ilustrado*, Lisboa, ano 1, vol. 1, n.º 17, 26/7/1896, p. 5.

⁴² “Velódromo D. Carlos” in *Branco e Negro: semanário ilustrado*, Lisboa, ano 1, vol. 1, n.º 14, 5/7/1896, p. 4.

⁴³ Idem.

Em 1898 foi inaugurado, pela Sociedade de Geografia de Lisboa, o Aquário Vasco da Gama (Figura 10), assinalando o quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Foi a comissão executiva destas comemorações a grande impulsionadora da construção deste organismo, em terreno cedido pelo Ministério das Obras Públicas⁴⁴. A instituição, dedicada ao estudo do mar, passou em 1902 para a tutela do Ministério da Marinha, que o entregou em 1909 à *Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturaes*⁴⁵. O Aquário, que estava aberto todos os dias da semana, sofreu alterações no seu traçado por ocasião da construção da Estrada Marginal, em 1940, ano em que uma ala do edifício foi cortada e alguns terrenos anexos foram destinados à nova via (Figura 11).



Figura 10 – O Aquário Vasco da Gama pouco tempo depois da sua inauguração, ocorrida em 1898.

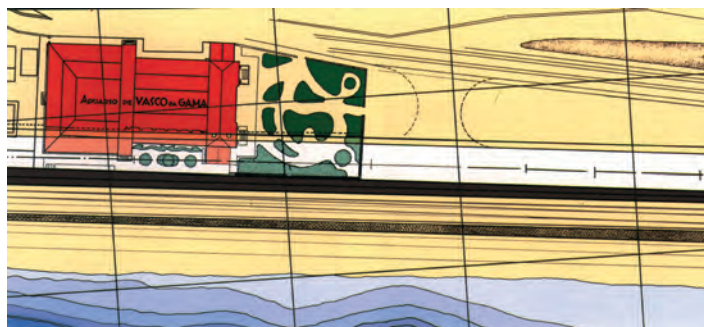


Figura 11 - Em 1940 o Aquário Vasco da Gama sofreu alterações no seu traçado, por ocasião da construção da Estrada Marginal, em que uma ala do edifício foi cortada e alguns terrenos anexos foram destinados à nova via.

Do Dafundo, já em 1899 eram afamados os *seus restaurantes e as pandegas que lá se fazem*⁴⁶.

Em 1915, Algés dispunha de três casinos⁴⁷: o *Casino de Algés*, instalado no palácio da Conceição que fora o palácio do marquês de Belas; o *Casino de S. José de Ribamar*, ocupando o antigo palácio dos condes de Vimioso, actualmente designado palácio Ribamar; e o *Grande Casino Lusitano*, localizado no palácio que o marquês de Castelo Melhor havia construído ainda na primeira metade de oitocentos sobre as ruínas do forte de S. José de Ribamar.

No casino instalado no actual palácio Ribamar, localizado então defronte da estação de caminho de ferro de Algés, para além do jogo, o casino dispunha de orquestra, dança, variedades, cinema e restaurante⁴⁸.

⁴⁴ “O aquário” in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, série 2, vol. 8, n.º 184, 1909, p. 284.

⁴⁵ *Idem*, p. 281.

⁴⁶ António BANDEIRA, “As praias portuguesas” in *Brasil-Portugal*, Lisboa, ano 1, vol. 1, n.º 18, 16/10/1899, p. 6.

⁴⁷ Jorge Miranda, “As esplanadas de Algés” in *Jornal da Região – Oeiras*, n.º 206, 19 Abril 2001, p. 9.

⁴⁸ Branca de Gonta COLAÇO e Maria ARCHER, op. cit, p. 78.

Todo este bulício, resultante das várias facilidades de acesso e estadia, levou ao progressivo afastamento da nobreza e da grande burguesia que ali passava a estação calmosa, sendo Algés nos primeiros anos de noventa destino da pequena burguesia e mais tarde, pelos anos 1940 em diante, local de franco acesso a qualquer classe social.

O elevado afluxo de veraneantes, associado à fixação de uma população suburbana, conduziram ao declínio da vida mundana da zona, assim como à dispersão dos que aspiravam a ambientes mais rebuscados.

PROVENIÊNCIA DAS FIGURAS

Figura 1: In Mário de Sampaio RIBEIRO, “Da Velha Algés” in *Boletim Cultural e Estatístico*, C. M. Lisboa, Vol. I, Julho/Setembro 1937, p. 348.

Figura 2: Mapoteca do IPCC (Instituto Português de Cartografia e Cadastro).

Figura 3: *Torre de Belém*, de Captain Parke, 1851, guache - 36,5 x 27,0 cm. In *Lisboa vista por estrangeiros (séc. XVIII e XIX) - Catálogo de Exposição no Palácio das Galveias*, Lisboa, 1965, p. 10.

Figura 4: In “A Ponte d’Argeis” in *Revista Popular: semanário de litteratura e industria*, Lisboa, vol. 1, n.º 12, 1848, p. 89.

Figura 5: AFCML [Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa]

Figura 6: Postal ilustrado de F. A. Martins, c. 1910, in Marina Tavares DIAS, *Lisboa Desaparecida*, vol. 5, p. 96.

Figura 7: Postal ilustrado, edição F. A. Martins, c. 1910, in Marina Tavares DIAS, *Lisboa Desaparecida*, vol. 5, p. 93.

Figura 8: Foto de António Passaporte, CDI/CMO [Centro de Documentação e Informação da Câmara Municipal de Oeiras].

Figura 9: GEO [Gabinete de Estudos Olisiponenses]

Figura 10: In Carlos CASEIRO, *A casa grande do mar*, Edição comemorativa do primeiro centenário do Aquário Vasco da Gama, 1998, p. 45.

Figura 11: In Carlos CASEIRO, *A casa grande do mar*, Edição comemorativa do primeiro centenário do Aquário Vasco da Gama, 1998, p. 87.